

**ALGUMAS PÁGINAS E CONSIDERAÇÕES SOBRE ESTÉTICA
SONHO DE UMA OBRA – LIVRO IX**



**PROJECTOS VIRTUAIS
JOSÉ VIEIRA**



JOSÉ VIEIRA 2009 – JV 72
SONHO DE UMA OBRA – LIVRO IX

DEZEMBRO 2009

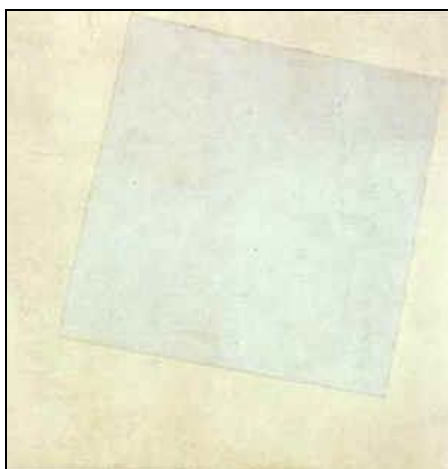
INTRODUÇÃO

A arte como projecto.

Toda a arte implica uma concepção. Concepção de uma obra. É entre estes dois extremos que o artista se situa, ora inclinando-se mais para a concepção (onde se situa o conceptualismo), ora mais para a execução da obra (expressionismo).

A concepção da obra é cerebral, mística. A execução puramente fisiológica. A concepção é magia pura, misticismo, ocultismo, puro segredo. É como uma tela vazia contendo todos os nossos segredos e desejos. Numa tela vazia reside o que de mais íntimo há em nós.

"Tela vazia. Na aparência: verdadeiramente vazia, mantendo o silêncio, indiferente. Como que embotada. Na verdade: cheia de tensões com mil vozes sussurrantes, plenas de expectativa", Kandinsky (O Futura da Pintura, Edições 70, 1999).



"Quadrado branco s/ fundo branco", Malevitch, 1918

A concepção da obra encerra todas as possibilidades, as que o artista prevê e as que não prevê, as que toma como suas e as que rejeita. Mas esta concepção não é só conceitual (como nalgum conceptualismo) é mais projectual. É durante a fase de projecto que as várias hipóteses são ensaiadas, experimentadas e rejeitadas. A afirmação do artista reside precisamente nas opções tomadas durante a fase de concepção da obra e não da obra em si.

Para o público, a obra é o mais importante, é a parte visível. Para o artista é a concepção e execução da própria obra.

"Para o artista, quando a obra está pronta, concluída, está já morta, pronta a ser sepultada no cemitério das obras de arte, a sala de exposições, o museu..."
(cit in *"Páginas e considerações s/ estética"*, livro 1, 1986).

A arte aspira à condição da vida. Ou seja, a ter a sua própria alma, vida própria. Vida que só o artista consegue dar enquanto trabalha nela.

“O gesto é luz, sem o gesto a existência não passa de mero esquecimento”
(*Sonho de uma Obra*, Livro III, pag. 11-14, 1992)

“O epitáfio do tempo. É impossível fugir ao tempo. O tempo é a persistência da medida da nossa vulnerabilidade.

O espírito advém do silêncio. Da fala em silêncio. Da escrita que molha a nossa consciência em memória.

A Obra do Autor é o Espelho do seu Silêncio”

(*Sonho de uma Obra*, Livro III, pag. 5, 1995).

No princípio era o branco

Numa imensidão de vazio, uma gota de tinta negra manchou a paisagem. Lentamente começou a escorrer pela folha amachucada descrevendo sulcos, traçando o seu próprio destino, igual rio em busca do mar da criação.

Depois, uma pegada no caminho. E o rio absorveu-a e transformou-a num lago. E rapidamente nova gota de tinta, a que se lhe seguiram centenas de dezenas. Cobriram o branco de um imenso mar negro.

A luz extinguiu-se...

Mas um rasgo na paisagem faz brotar uma seiva branca, muito opaca e cremosa. Sob o negro, escorre agora um rio branco, a que se lhe seguiu um lago e depois o próprio mar. Mas era apenas um leito branco sobre o mar negro. Lento recomeçar...



"Invisible Painting I", 2000

A ideia do monocromo branco persegue Vieira desde Março de 91. No entanto, o monocromo em si, sempre acompanhou o seu trabalho: os estudos que iniciou em Janeiro de 87 sobre o Renascimento terminam em dois desenhos azuis: no primeiro, a folha é coberta com uma tonalidade azul ao qual é acrescentado a negro o desenho. O segundo, uma versão do anterior, apresenta o desenho a branco, como um sulco que a cor não preencheu¹.

Meses depois, partindo de bocados de madeira encontrados ao acaso, realiza "*sensações pictóricas*" tomando como base várias monocromias azuis e verdes². A pintura atingira o seu estágio último: o monocromo é o fim da pintura?

Partindo daqui, a pintura torna-se num eterno recomeçar – o artista passa a intervir sobre imagens pré-concebidas, fotografias e posters³.

A segunda etapa é a procura de uma estilização formal. Curiosamente, para Vieira, esta é alcançada precisamente nas "*Pinturas Brancas*" de 92. O monocromo regressa. Vieira coloca a pintura na estaca zero⁴.

¹ "Rosto em Claro / Escuro 1 e 2", guache e esferográfica s/ papel, Fev. 87.

² As obras referidas constituem a Série de Mulheres I, realizadas em Março de 87.

³ A Série de Mulheres II é totalmente realizada sobre fotografias de revista (Maio de 87).

⁴ O Sonho de uma Obra, livro III, págs. 54-55, 1995.

Nestas pinturas, no entanto, um novo elemento nasce e cresce com o tempo, os lugares, as mãos pelas quais a obra passa. Surgem marcas de dedadas, pequenos atritos, rasgos, brechas que aparecem na superfície branca, resultantes das exposições com que o quadro se relaciona.

O tempo e o lugar tomam valor na obra. O tempo e as marcas que deixa, o lugar com que momentaneamente a obra se relacionou (se a parede é lisa e branca, por exemplo, o quadro confunde-se com a parede, se é de granito assume-se como parede) são meios importantes para revelar as ideias / intenções do artista.

“*Bate Leve Levemente*” foi o primeiro projecto desenvolvido dentro desta nova concepção de arte. Foi realizado para as I^{as} Jornadas de Arte Contemporânea da Lousã, em Junho de 93⁵.

Neste projecto assume o epitáfio referido no Catálogo das 2^{as} Jornadas de Arte Contemporânea, no qual “os artistas, cada vez mais, se debruçam sobre os aspectos da instalação, do espaço, da ambiência, do envolvimento real que se pretende criar e lançar no espectador”⁶.

A criação não se prende unicamente ao espaço físico do quadro mas engloba todo o espaço onde o quadro se insere, dialogando com o lugar, o espaço e o tempo.

Antecedentes

A partir de 92, José Vieira deixou de encarar o objecto artístico como um fim em si mesmo. Apesar de, numa primeira fase, este não ter sido concebido especificamente para um determinado lugar, ele acabava por ganhar novos sentidos ao relacionar-se com o espaço envolvente da exposição.

Este relacionamento conduz à instalação.

Tomando consciência deste facto, José Vieira projecta alguns projectos destinados a instalações dos quais apenas acaba por realizar um: “*Bate Leve Levemente*” (1993)⁷. Maior parte, surgem de acontecimentos / acidentes verificados em exposições: o episódio do quadro que se não distingue da parede, ou o outro em que este é identificado como tal.

O primeiro episódio passou-se com “*Mulher ao Sol*” e originou o projecto “*Invisible Painting*”. Nunca chegou a ser concretizado e consistia num mera tela branca exposta numa sala branca.

O segundo projecto partiu de “*Paisagens Serranas I*” realizada na Galeria Almedina, em Coimbra. Seis quadros colocados sobre uma parede de pedra assumiam-se / confundiam-se como rectângulos de cal. “*Projecto circular*” consistia num conjunto de quatro grandes pinturas, dispostas num espaço circular, com diâmetro de dois metros, paredes em pedra descarnada e chão em terra batida.

Outros projectos consistiam no enterrar de uma tela num espaço arqueológico e colocar uma outra por detrás de uma parede que, ao destruir a referida parede, se poderia descobrir uma pintura por detrás.

⁵ As Jornadas de Arte Contemporânea da Lousã realizaram-se entre 92 e 96, assumindo-se o artista como seu comissário. Entre as várias exposições produzidas destacam-se “*Instalações*” (com José Vieira, Inês Manta, Quelhas Vieira e Joaquim Silva), Museu Álvaro Viana de Lemos, 1993 e “*Paisagens Contemporâneas*” (Inês Manta, Quelhas Vieira, Cristina Cortez), Museu Álvaro Viana de Lemos, 1994.

⁶ José Vieira in Catálogo das Jornadas de Arte Contemporânea, Lousã, pag.4, 23/03/93

⁷ “*Bate Leve Levemente*”, foi realizado para as Jornadas de Arte Contemporânea da Lousã, em Junho de 93.



“Bate leve, levemente...”, instalação, 1993

Projectos Virtuais

Com a descoberta da instalação, um novo mundo conceptual se abre ante os olhos: a criação artística – tout court – não se centra já no suporte da tela mas abarca tudo o que a envolve, desde o atelier à parede da sala / espaço da galeria / museu. Este conceito leva à procura de espaços alternativos à galeria e ao museu, à sala de exposições como tradicionalmente é concebida. Os espaços de eleição – paisagens naturais ou edifícios em ruínas – adequavam-se melhor com a austeridade e pureza das formas das “*Pinturas Brancas*” (1993) e “*Elegias Brancas*” (1994).

Com o advento do digital, estes projectos ganharam nova vida face ao novo conceito de arte: o projecto artístico. Enquanto projecto, a arte move-se no campo experimental do digital, sendo a concepção mais importante que a própria obra. Enquanto digital, a obra não existe, o objecto não existe: se quisermos poderemos chamar-lhe virtual.

Assim a arte torna-se eminentemente projectual, potenciadora de novas relações comunicacionais.

É precisamente para este campo que a arte de José Vieira se torna em meados de 96⁸: enquanto digital / virtual, ela procura questionar, numa primeira fase, o conceito de autoria através de intervenções sobre imagens pré-existentes, retiradas de revistas e jornais, da internet...

O processo é extremamente simples: “*selecciono uma imagem fotográfica e analiso as potencialidades de intervenção. Se pressentir uma boa relação plástica, passo à fase de estudos. Estes estudos conduzem ao desenvolvimento plástico e consecutiva apresentação final do projecto*”⁹.

Desenvolve um método de trabalho muito pragmático: a fase de análise e de idealização do projecto decorre em Fevereiro. Os estudos e desenvolvimento da ideia entre Março e Agosto. A realização virtual do projecto entre Outubro e Novembro. A sua publicação na internet a 9 de Dezembro.

Este esquema conceptual foi lentamente construído a partir de “Embrionar”, primeiro projecto virtual publicado na internet em 98. A base de todo o projecto, centra-se no desenvolvimento do feto humano.

⁸ O ponto de viragem na obra do artista é o nascimento da sua filha Maria em Dezembro de 1995.

⁹ José Vieira in “*Projectos Brancos*” - Caderno 25, Março – Novembro 2000.

Os vários projectos desenvolvidos nesta fase obedecem a uma meticulosa pré-produção que chega à identificação de datas para a própria produção, datas que se repetem nos projectos. Exemplo: as datas 24 e 25 de Março aparecem em todos os projectos como a data da idealização do projecto. A data de 9 de Dezembro como a data de publicação na Internet.

Para se perceber a meticulosa estrutura que está por detrás destes projectos é necessário regressarmos a “Embrionar”.

Estava-se em Abril de 95 e a notícia de que a sua companheira estava grávida cai como uma bomba no trabalho do artista. Efectivamente, a partir desse momento, o seu trabalho muda completamente de direcção. Da apologia do amor e do corpo da mulher, passa-se à apologia da criação no seu sentido mais puro. Depois outro fenómeno acontece que é o responsável pela mudança de direcção e o abandono da pintura tout-court: a observação de uma ecografia da sua filha. Ali, diante dos seus olhos, um ser vive oculto ao olhar. Ser que só podemos contemplar por uma interposta tecnologia. Neste momento, Vieira percebeu que ali estava a resposta que tanto procurava¹⁰. O futuro da arte residia na internet. E esse era o caminho que a sua arte deveria tomar.

Iniciou então o projecto “*Embrionar*” que durou entre 95 e 99. A primeira fase do projecto consistiu num acompanhar do desenvolvimento da sua filha desde o período fetal ao nascimento: periodicamente ia realizando estudos que estabeleciam uma relação com o ser que estava em desenvolvimento.

São as datas destes estudos que servem, posteriormente, de referencia à produção dos materiais virtuais dos projectos que desenvolve.

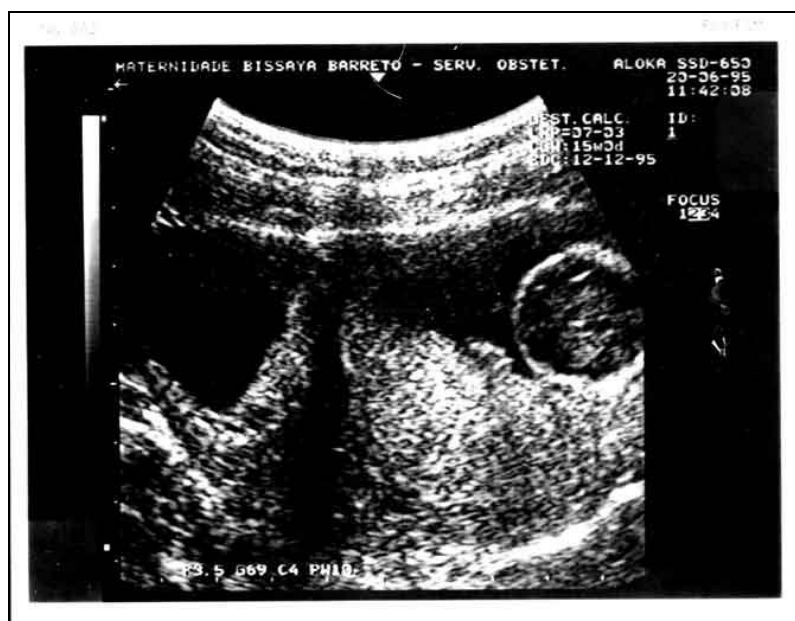
A data de 9 de Dezembro (data do nascimento da sua filha) corresponde à data de publicação de cada novo projecto.

Este esquema “*compositivo*” acompanhou toda a sua produção entre 95 e 2002: “*Embrionar*” (versão 1.0 em 98; versão 1.1 em 99; versão 2.0 em 2001), “*Mar(es)ia*” (2002); “*Projectos Brancos*” (2000); “*Reconstruction*” (2001); “*Vultos Brancos*” (2002).

Outra característica comum aos quatro projectos é a forma da sua construção subdividida em quatro fases. A primeira fase – a do surgimento da ideia – é em geral registada numa folha avulso sob a forma de uma pequena nota contendo desenhos, esquemas, ou o registo descritivo da ideia. A segunda fase – os estudos – são na generalidade desenhos preparatórios, realizados em caderno próprio: o tipo de estudos realizados variam do simples desenho / esboço a carvão ou caneta, a composições mais elaboradas envolvendo colagens. A quarta fase é a da produção da página web, na generalidade antecedida de um estudo a lápis ou caneta.

Percebido em termos estruturais o método utilizado pelo artista na construção dos seus projectos virtuais, cabe agora uma análise mais aprofundada de cada um deles.

¹⁰ Após os “Retratos Brancos” de 95, Vieira sentiu a sua arte estagnar. A vitalidade e energia que tanto caracterizaram o período que vai das “Pinturas Brancas” a “Elegias Brancas” esgotara-se. Durante o período de “Embrionar” ainda chegou a realizar alguns desenhos de “Mar(es)ia” em tela. Estas acabaram por se perder numa inundação.



"Embrionar", 1995

Embrionar (1995-1999)

Sendo Embrionar o primeiro projecto, deveremos prolongar a nossa atenção sobre o mesmo, uma vez que foi através deste que toda a estrutura dos projectos posteriores se idealizou.

Todos os esboços e reflexões foram compilados em dois livrinhos (facto que acompanha também os outros projectos): o primeiro, com 40 páginas, recolhe cerca de 20 desenhos, 8 colagens, 4 composições, 11 esquemas e 6 desenhos digitais. O segundo cerca de 30 desenhos. O primeiro foi realizado entre Janeiro e Dezembro de 95 (acompanhando o desenvolvimento fetal da sua filha), e segundo entre 96 e 97 centrando-se nos estudos preparatórios dos cinco projectos básicos que dão corpo a 5 estados de desenvolvimento do Feto.

No primeiro livro a referencia fundamental é Marcel Duchamp. Todo o conjunto de elementos recolhidos (desde os esquemas de projectos de instalação, com esboços e notas periféricas, aos recortes científicos sobre o crescimento e desenvolvimento do feto) apontam nessa direcção.

O segundo livro é mais pessoal, porque se centra no desenho do feto, partindo de um esboço quase abstracto muito perto da figuração das "Elegias" em direcção a uma representação mais realista, como que reforçando o próprio desenvolvimento formal da figura.

"Há medida que o tempo vai passando e as minhas ideias se vão aclarando, também o projecto dedicado à minha filha se vai tornando mais claro: "embrionar" assumia-se como o desenrolar e crescimento da ideia artística, que com o nascimento gerava a obra em si. Desta maneira cheguei à conclusão de que embrionar não deveria ter forma objectual, daí a minha incursão no virtual. No entanto, mesmo ao nível do virtual, a representação "conceptual" tende a aproximar-se do volume, especialmente expresso no último desenho do projecto.

Esta última noção é aquela que deve agora a minha obra caminhar: a representação volumétrica de formas, já experimentada nas "Paisagens Serranas". A sucessão dos desenhos para isso deve apontar (o primeiro deve apontar-se como um conjunto de registos onde se procura o volume – "embrionar" deve ser encarado como um conjunto de registos onde se procura a forma conceptual do feto – o último como a

perfeita definição volumétrica da forma” (José Vieira in *Diário Secreto*, 20 Agosto 99, pag. 122).

O primeiro esboço do site surge em Agosto de 98. Reformulado e publicado em Dezembro de 98. Esta primeira versão apresenta, como página de entrada um átomo dividido em dois, exemplificando a divisão dos cromossomas, imagem retirada de um livro de ciências. Sobre esta imagem duas palavras subdividem o projecto em dois: arte e ser.

Na nota de introdução ao projecto escreve Vieira: “*A Arte desenvolve-se em três fases; ou melhor, o fenómeno criativo desenvolve-se em três fases: a conceptual (a génese da ideia, do objecto, do ser), a objectual (a concretização da ideia, o nascimento, crescimento, manufactura do objecto) e a fruição /comunicação do fenómeno artístico (a maturação da ideia /objecto /imagem, a autonomização do ser, da obra face ao criador)*”¹¹.

As duas secções estabelecem assim a relação entre o mundo da arte e o mundo do ser (na sua acepção mais natural): na secção ARTE encontramos os desenhos do segundo caderno, digitalizados e disponíveis para os utilizadores intervirem como muito bem entendessem. Este apelo à colaboração não foi muito bem sucedido, tendo tido o projecto apenas uma única colaboração.

Na secção SER encontramos os estudos do primeiro caderno.

É preciso lembrar que o projecto surgiu sob a forma de instalação, antes da sua concepção digital. Efectivamente, José Vieira realizou três versões do projecto de instalação, utilizando os materiais produzidos em paralelo com os desenhos dos cadernos¹².

Formalmente o projecto virtual toma como referência “*Generation – Mutation*” (1998)¹³. Este projecto parte da imagem de uma casa a qual é matéria de partida para intervenções realizadas por outros artistas. As intervenções respectivas são publicadas na página, ao lado da original.

Concebida também em fundo negro, Vieira não logra, no entanto, a tão desejada colaboração da comunidade artística. Na segunda versão de 99 o aspecto colaborativo é abandonado.

Outro aspecto importante deste projecto tem a ver com a forma de publicação on line: o projecto é publicado parcialmente a 9 de Dezembro 98. Posteriormente, novas imagens vão sendo adicionadas em datas previamente marcadas. As datas correspondem às datas de realização dos respectivos desenhos, publicados na internet um ano ou dois depois.

A 9 de Dezembro de 2001 surge a segunda versão.

¹¹ José Vieira, *Embrionar*, 1998. Dois cadernos. Nº 23^A, Jan. – Nov. 95; Nº 23^B, Agosto 96 – Agosto 97.

¹² Os três projectos de instalação foram realizados entre 96 e 2003. O primeiro surgiu em Junho de 96, o segundo em 97 e o terceiro em Maio de 2003. Os dois primeiros foram realizados em escolas e o terceiro integrado na exposição comemorativa dos 20 anos de carreira, que teve lugar no seu atelier a 10 Maio, na Rua Carolina Michaelis, em Coimbra.

¹³ <http://www.digitalsouls.com/genmut/index.html>



“Maria, dia 1”, fotografia, 1995

Mar(es)ia (1996-2004)

“*Mar(es)ia*” surge directamente de “*Embrionar*”. O tema continua a ser o desenvolvimento do ser humano, desta vez tomando assumidamente corpo o crescimento da sua filha.

O projecto toma como materiais desenhos e fotos da sua filha, ao qual acrescenta desenhos próprios. A ideia é confrontar / acompanhar o crescimento do ser humano através da confrontação das criações da criança, das fotos do seu crescimento e dos desenhos digitais que estabelecem esta relação.

O site, cheio de cor dos desenhos da criança, contrasta com o aspecto austero do projecto anterior, muito frio e científico. A cor dos desenhos e das fotos da sua filha inundam os desenhos do próprio artista.

De forma idêntica, o projecto foi construído em livro próprio englobando os estudos preparatórios para os seis desenhos que estruturam todo o projecto. Posteriormente, os referidos desenhos foram fundidos com as fotografias que lhe estiveram na origem. Nestes desenhos, o estilo é ainda o das “*Elegias*”, que atravessam toda a produção de Vieira até ao abandono definitivo da pintura que só acorrerá em 2006.

Formalmente, o design da página está mais elaborado, inserindo vários frames, subdividindo a página em várias secções. Um primeiro ensaio deste tipo de estrutura foi encenado na segunda versão de “*Embrionar*” em 2001. Será esta estrutura a adoptada para todos os projectos vindouros.

“*Mar(es)ia*” surgiu inicialmente associada a “*Embrionar*”, como que fazendo parte de um mesmo projecto. No entanto, quando Vieira estruturou a publicação dos projectos a 9 de Dezembro, numa associação directa ao nascimento da sua filha (e da própria arte), dividiu o projecto em dois: “*Embrionar*” assumiria o projecto da concepção artística (concebido em segredo em dois livros que apenas mostrou após a publicação da 1ª versão de “*Embrionar*” em 98) e “*Mar(es)ia*” o da vida da obra de arte que aos poucos se autonomiza do seu criador.

Seguindo os esquemas compositivos dos “*Retratos Brancos*” de 95, Vieira selecciona um conjunto significativo de fotografias da sua filha exemplificando alguns momentos importantes no seu desenvolvimento: o recém nascido, os primeiros passos, o primeiro brinquedo, o primeiro desenho, as primeiras palavras... Estes estudos são acompanhados de uma pequena anotação que corresponde ao

tempo de gestação de cada obra: “*Maria Reclinada, 5 meses*” é acompanhada da seguinte notação: “*9 semanas e 1 dia*”. Vieira regista, em cada estudo o tempo que decorreu entre o primeiro estudo da obra e a obra final. Este procedimento era, aliás, comum a toda a sua pintura anterior.

Alguns destes estudos originaram pinturas que se perderam após a exposição “*Últimas Pinturas*” que teve lugar na Galeria Alcáçova, em Montemor-o-Velho, em 97¹⁴.

Vieira trabalhou o projecto durante 8 anos. Os primeiros dois anos foram completamente dedicados aos estudos. A construção do site só começaria em 2002 e seria publicado a 9 de Dezembro desse ano. Sofreu acrescentos em Agosto de 2003 e 2004.

Concebido como um *working progress*, “*Mar(es)ia*” acabou, no entanto, por ser abandonado em 2004, provavelmente devido ao regresso a projectos de instalação e pintura. No entanto, a sua ligação ao mundo da internet nunca se perderia.



“*Caminho Branco*”, 2000

Projectos Brancos (2000-01)

Os “*Projectos Brancos*” têm a sua génese na velha aspiração de Vieira em concretizar um conjunto de projectos de instalações, idealizadas durante as “*Pinturas e Elegias Brancas*”.

Tendo ficado durante anos esboçadas na memória do artista, Vieira vê o digital como a hipótese de concretizar virtualmente essas ideias.

No entanto, aquilo que inicialmente se tratara de uma mera revisitação de projectos antigos, logo ganhou maior abrangência.

¹⁴ “*Últimas Pinturas*”, Galeria Alcáçova, Montemor-o-Velho, 11 Outubro a 8 Novembro 97. Vieira realizou esta exposição preconizando ser a sua última exposição de pintura, tornando-se a partir desse momento um verdadeiro artista digital. Após a exposição a galeria foi inundada durante as cheias de 2000, perdendo-se alguns dos quadros que ali se encontravam, entre eles “*Maria dormindo, 1º dia*”.

Dos cinco projectos inicialmente concebidos (*“Invisible Painting”, “Circular Project”, “Caminho Branco”, “Anta Branca” e “Pintura Arqueológica”*) Vieira concebeu cerca de 30 projectos, entre os quais apenas publicaria nove.

Na concepção destes projectos podemos perceber dois métodos de intervenção: em primeiro, sobre uma fotografia pode acrescentar ou retirar elementos da mesma. Este processo, muito dominante na sua obra mais recente, esboça aqui os primeiros passos. A retirada de elementos da imagem, deixando o seu espaço em branco, vazio, já havia sido ensaiada em *“Embrionar”*, bem como a inserção de elementos num determinado fundo, por exemplo uma figura. No entanto é com *“Projectos Brancos”* que Vieira explorará de forma insistente esse novo processo compositivo. Dos 30 projectos, em 12 um elemento é recortado deixando o seu registo em branco, como uma sombra. Nos restantes é um elemento que é acrescentado (em geral a reprodução de uma das suas pinturas).

A ideia do recorte descende de Duchamp, nomeadamente do ready made *“Apolinère Enameled”* de 1916. Num anúncio às tintas Sapolin, Duchamp realizou uma intervenção pintando com tinta de esmalte branco a figura de uma cama. À primeira vista, dá a impressão de a cama ter sido recortada da imagem. Ora é precisamente este o efeito que Vieira pretende alcançar nas suas intervenções: retirar o objecto da imagem. Recortá-lo, deixando o seu espaço em branco. Como uma ausência.

A segunda ideia é a de colocar na imagem elementos que não estavam lá. Aqui a referencia é *“L.H.O.O.Q.”*. Novamente Duchamp. No entanto aqui o que se pretende é colocar determinada pintura num espaço diferente do de uma tradicional galeria de arte. Efectivamente, todos estes estudos servem de ensaio aos seus *“gaffities”* de 2003.

Entre as imagens publicadas destacam-se *“Caminho Branco”* e *“Romana”* (também conhecida como *“Pintura Arqueológica”*, dois projectos concebidos para serem realizados sob a forma de instalação, cuja ideia data de 94, nomeadamente da exposição *“Instalações”* nas Jornadas de Arte Contemporânea da Lousã¹⁵).

O projecto é iniciado em Março de 2000 com os estudos em caderninho próprio¹⁶. Em Outubro iniciaria a digitalização dos materiais e a construção do site, que se prolongaria até 2001¹⁷. Contrariamente aos estudos em papel (cuja intervenção, na sua maior parte se limita à execução de um recorte sobre a imagem, abrindo um espaço vazio) os projectos digitais colam uma imagem (a reprodução de um quadro) numa fotografia recolhida de livros ou revistas¹⁸.

¹⁵ Em *“Bate leve levemente”*, instalação concebida para a exposição *“Instalações”* das 1^{as} Jornadas de Arte Contemporânea da Lousã, Vieira coloca três telas brancas deitadas no chão que são atravessadas por pedrinhas brancas como se um sulco ou caminho se tratasse. Aqui está patente nitidamente a ideia de *“Caminho Branco”* (uma tela esmagada por um caminho de pedras estilo “romano”). Na instalação, uma das telas é colocada praticamente debaixo de uma pedra (peça que já existia na sala do museu) remetendo para outro projecto: *“Pintura Arqueológica”* que mais tarde Vieira chamou simplesmente de *“Romana”*.

¹⁶ *“Projectos Brancos”*, Caderno de Desenhos nº 25, Março – Novembro 2000.

¹⁷ A construção do site decorre em paralelo com a execução dos projectos virtuais, que tomam como referencia o estudo em papel. Todos estes projectos afastam-se já da simples digitalização dos originais que caracterizam *“Embrionar”* e *“Mar(es)ia”*. Efectivamente todos os projectos são refeitos digitalmente. Alguns dos quais sem qualquer estudo em papel, como é o caso de *“Romana”* e *“Muralha”*, datadas de Outubro de 2001.

¹⁸ Alguns projectos tomam como referente as fotografias de Duarte Belo, publicadas na colecção *“Portugal – O Sabor da Terra”*, editado pelo Círculo de Leitores em 97. Assumindo-se estes projectos como meros ensaios para futuras obras, Vieira acabou apenas por realizar com imagens próprias o projecto *“Anta Branca”* e *“St. Clara”*.



“Reconstruction”, instalação, 2001

“Reconstruction” (2001)

“*Reconstruction*”, mais que um projecto digital é um ensaio para uma instalação. A ideia base do projecto centra-se na aquisição de um apartamento, por Vieira, para instalar o seu atelier. Durante as obras de recuperação do imóvel, surge-lhe a ideia de o inaugurar com uma instalação em todo o apartamento¹⁹.

Os primeiros esboços do projecto surgem em Abril de 2001. Em Agosto inicia a execução dos projectos em grandes dimensões. Fotocopiando os estudos do caderno, Vieira aumenta as imagens e afixa-as directamente nas paredes do apartamento. Posteriormente aplica papel branco sobre elas e realiza o desenho de intervenção. Directamente²⁰. Completando as intervenções nas paredes tapa todos os interruptores (à data descarnados) com gaze e adesivo. Uma das imagens é posta a soro.

Todo o projecto ganha assim uma simbologia:

“Trata-se de um projecto de intervenção em torno de uma possível relação poética entre o conceito “restaurar” e o conceito “curar”. Ambos conceitos assentam no principio de “renovação”; renovação de um espaço, de uma obra, renovação do corpo ...

O restauro, que no seu significado etimológico corresponde a “um retorno ao ouro”, é também o “retorno à vida” de um espaço “adormecido”, “enfermo”. Este retorno é aqui encarado como potencial de reapropriação de um espaço, e neste caso, também da imagem. Toda a instalação, toda a encenação, reenvia para este potencial: tudo está coberto de jornais, estes como factor de protecção da própria intervenção: “cobrir de ouro” é, concretamente, esconder as medidas do tempo, é,

¹⁹ Um dia, ao entrar no apartamento durante as obras de remodelação, Vieira reparou que tudo estava meticulosamente coberto com jornais, ocultando portas, janelas, chão... Aquela ideia apaixonou-o imediatamente, conservando-o assim até à inauguração.

²⁰ O processo de intervenção varia de acordo com a imagem: em “Reconstruction 1”, aplica plástico transparente e adesivo; em “Reconstruction 2, 3, 4 e 5” papel recortado sobre o qual desenha, em “Reconstruction 6” papel recortado desenhado e fita adesiva.

se quisermos, enganar o próprio tempo, tempo este que deixa as suas marcas indeléveis sobre o espaço” (José Vieira in *“Reconstruction”*, folheto, Outubro 2001).

Toda esta simbologia foi ainda reforçada por toda a encenação que rodeou o evento: com Carlos Osório, foi realizada uma performance onde os performers, com máscaras de protecção usadas para fundir ou cortar o ferro, proferiam frases soltas do texto de introdução ao projecto. Máscaras de protecção hospitalar foram distribuídas ao público. No evento não faltou o cortar da fita típica das inaugurações oficiais.

O site surgiu em dois momentos: numa primeira versão (coincidente com inauguração do evento) realizada entre Setembro e Outubro, e a segunda versão (que integra já imagens da realização do evento) em 9 Dezembro de 2001.

O site remete para a estrutura de navegabilidade de alguns museus daquela época: após uma página de introdução, setas indicam dois percursos à esquerda e à direita. Estas setas permitem o acesso às salas ou aos quartos e respectivas intervenções.

Na primeira versão a entrada era directa para os projectos digitais. A segunda versão, por seu lado, integra uma foto da instalação patente em cada divisão e também fotos da inauguração e respectivo texto introdutório.



“Vultos Brancos”, instalação, 2002

“Vultos Brancos” (2002)

O projecto “Vultos Brancos” foi inicialmente conhecido por “20 anos depois”, projecto de revisitação de toda a obra de Vieira. Foi inicialmente concebida em Março de 2002, dentro do ciclo de projectos digitais que Vieira vinha desenvolvendo desde 95.

O projecto parte da revisitação das suas mais importantes obras: “Ama...” de 88; “Are you waiting...” de 89; “Quadro Índigo” de 90; “Mutter” de 91; “Pintura Branca VI” de 92; “Elegia Branca VII” de 93; “Paisagem Serrana IV – Cabeça da Velha” de 94; “Embrionar” de 96 e “Projectos Brancos – Caminho Branco” de 2000.

O projecto foi realizado entre Porto Seguro (Ilha Terceira, Açores) e Figueira da Foz. Neste sentido as intervenções sobre as imagens são contaminadas pelas imagens

da ilha terceira, nomeadamente na versão de “*Quadro Índigo*” agora denominada “*Miragem*”. Do quadro referencial é retirado a figura de um pássaro pré-histórico que é colado sobre uma paisagem da ilha terceira.

O processo utilizado nas várias intervenções funde os dois projectos anteriores: por um lado vai buscar elementos aos quadros originais que depois são colados (ou redesenhados) nas novas imagens ou ambientes.

“(…) A recriação metamórfica sofrida por algumas obras, insere e redimensiona a imagem que intervencionada. A transformação que a imagem sofre parte do princípio que essa imagem existe, respeita-a, ela mesma é condicionadora da nova imagem a surgir. Para tal é necessário um prévio estudo formal que procura acondicionar a antiga composição à figura final.

É neste sentido que retomo este projecto, em que sobre uma fotografia de um determinado espaço é inserido um desenho de uma obra (…)” (José Vieira in “*Introdução a Vultos Brancos*”, Caderno de Desenhos nº 27, Março – Dezembro 2002, pag. 3).

O projecto desenvolve-se com uma série de estudos realizados essencialmente entre Julho e Outubro de 2002. No entanto, o projecto sofre uma reviravolta em Novembro, quando é convidado a participar no “Evento Zero”, no Quarteirão das Artes, em Montemor-o-Velho, em Dezembro²¹: ao conjunto inicial de propostas Vieira junta mais três projectos digitais centrados no próprio espaço do Quarteirão. Para o evento instala cinco imagens (ampliadas em fotocópia e montadas em k-line) numa sala de paredes descarnadas. Numa das paredes, algo destruída pela humidade, realiza um grafito com cal e carvão. Este grafito (gaffitie, como mais tarde se passará a chamar) dialoga com as imagens, chegando, num dos casos, a repetir a figura de um dos personagens²². A instalação remete para o “projecto circular” de 2000, reforçado pela instalação de areia de Samuel Rama, que co-habita o espaço. A presença da areia no chão do espaço e das imagens nas paredes descarnadas remetem efectivamente para o projecto referido.

“O conjunto de imagens apresentados no “Evento Zero”, na Cooperativa Theatro dos Castellos, em Dezembro, pretende estabelecer uma relação entre o espaço da Cooperativa e a minha própria obra. Tratam-se de fotografias intervencionadas digitalmente, numa espécie de performance plástica entre a história inicialmente contada e o novo espaço agora habitado.

É como uma peça de teatro reformulada de acordo com o espaço em que é representada.

Adereços, figurinos, a própria história, foram adaptados ao novo contexto: é já uma nova «peça» a que aparece ante os nossos olhos”. (José Vieira in “*Vultos Brancos*”, Evento Zero, folheto, Dezembro 2002).

²¹ “Evento Zero”, Quarteirão das Artes, 21 Dezembro 2002. Primeiro evento de uma série de intervenções dinamizados pela Cooperativa Teatro dos Castellos a que o artista adere desde 2000.

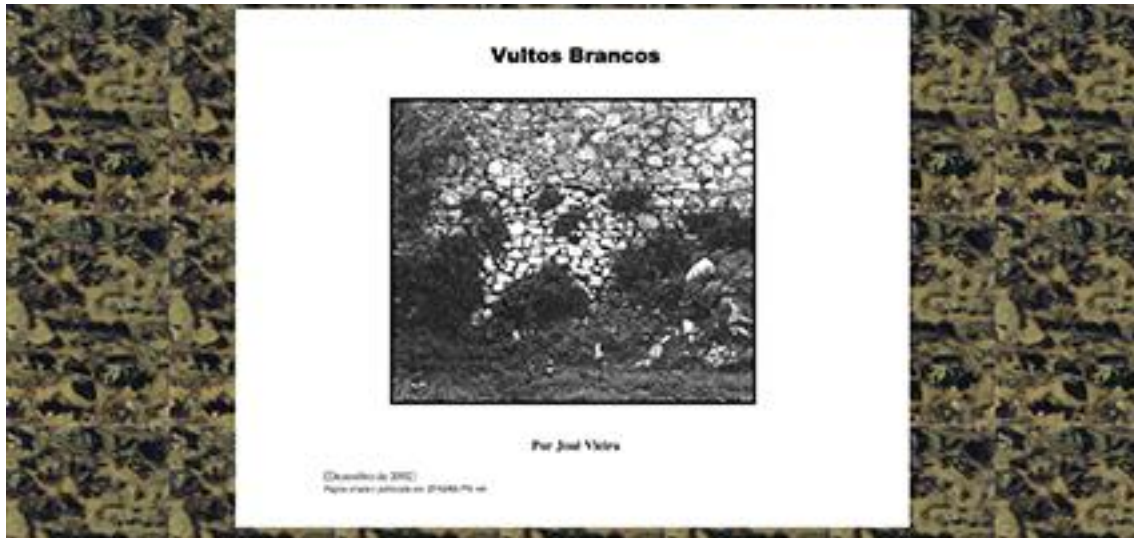
²² “Personage”, cal e carvão s/ parede em pedra, Dezembro 2002. “Desde “*Reconstruction*” que tenho vindo a tentar produzir, sob forma de instalação, alguns dos meus projectos virtuais. Este evento permitiu-me dar voz aos “*Vultos Brancos*” cujo apogeu se concretizou nesta instalação em Montemor-o-Velho. Durante a realização do projecto, alguém lhe chamou “*Gaff-iti*”. Efectivamente, esta definição agrada-me bastante, pois a minha intervenção não é um grafiti, nem um mural (a parede é de pedra calcinada e a desfazer-se, não permitindo uma pintura uniforme do espaço). A minha intervenção dialoga directamente com o local e a parede usando as suas cavidades para “construir” o personagem.

A intervenção agradou-me de tal forma que estou a pensar em realizar outros projectos inspirados na mesma ideia.

O primeiro, centrado no espaço da cooperativa, trata-se de um gaffiti erótico realizado numa das casas sem tecto e que depois era emparedado, ficando apenas um buraco por onde se podia ver parte do mesmo.

O outro era dar vida às personagens dos meus quadros que, em *Vultos Brancos*, ganharam alguma independência: é como se tivessem saltado para fora do quadro, abandonando o ambiente da pintura e invadindo o espaço da arquitectura” (José Vieira in *Diário Virtual*, pag. 7, 2 Março 2003).

O projecto publicado on line a 9 de Dezembro 2002 não integra imagens da exposição, no entanto integra já as novas imagens desenvolvidas para esse projecto. Em termos de design segue a estrutura de “Projectos Brancos”, com o espaço dividido em frames.



“Vultos Brancos”, web site, 2002



JOSE VIEIRA
COLLECTION

DEZEMBRO 2009